

CADERNO DISCENTE ESUDA

Número temático: Debates sobre o desenvolvimento humano

Volume 2, Número 1

A LEI DO PAI: UM DESAFIO NA CONTEMPORANEIDADE/ UM VIES PSICANALÍTICO

SELMA MARIA BEZERRA LEAL¹

Resumo

Esse trabalho tem o intuito de pesquisar o declínio da lei paterna na contemporaneidade e a busca pelo objeto/droga, como uma fuga do sintoma, através do viés psicanalítico. Abordaremos os impasses e as implicações vivenciadas pelos filhos diante da fragilidade da função paterna, trazendo em seu desenvolvimento, um tempo de subjetividade do sujeito, em contraposição a subjetividade social que o sujeito está inserido, dificultando assim, a introdução dos limites e da lei levando os filhos a buscar algo que possa tamponar a sensação da angústia. Como também, compreender mediante essa falha, as consequências que isso pode trazer no psiquismo e no social desse sujeito. Trata-se de uma revisão bibliográfica, que trará também em foco, a relação do sujeito com a droga, usando-a como um amortecedor da angústia, que se encontra na origem de sua utilização, surgindo para o sujeito um gozo momentâneo, no qual ele não se cansa em buscar, transformando-se assim em uma relação/objetal, que o ajudará a “suportar” o mal-estar na contemporaneidade.

Palavras chave: Função paterna; Subjetividade; Subjetividade social; Drogas.

ABSTRACT

This work aims to research the decline of the paternal law in contemporary society and the search for the object / drugs as an escape from the symptom, through the psychoanalytic bias. Discuss the impasses and the implications experienced by children given the fragility of the paternal function, bringing in its development, a time of subjectivity of the subject, as opposed to social subjectivity that the subject is inserted, thus hindering the introduction of limits and the law taking the children to

look for something that can buffer the feeling of anguish. As well, understand by this failure, the consequences this can bring in the psyche and social this subject. This is a literature review, which will also bring into focus the subject's relation with the drug, using it as a buffer of trouble, which is at the origin of its use, arising to the subject a momentary enjoyment, in which he never tires seeking, thus becoming in a relationship / object, which will help to "support" the malaise in contemporary times.

Keywords: paternal function; Subjectivity; Subjectivity social; drugs.

¹Psicóloga, Especialista em Intervenções Clínicas, Pós graduanda em Saúde Pública, Saúde Mental e Dependência Química.¹

* * * * *

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar esse tema, surgiu a partir das escutas nos atendimentos na clínica, da Faculdade de Ciências Humanas - FACHO, no curso de Especialização em Ações Interventiva em Psicologia Clínica e no CAPS ad. A principal demanda presente no discurso dos pais dizia respeito à impossibilidade de assumir os seus papéis junto aos filhos: Não sei mais o que fazer com esse menino(a), ele(a) não me obedece de jeito nenhum (sic). Percebemos durante os atendimentos, que esses pais encontram-se fragilizados quanto a exercer suas funções. Estes buscam uma relação horizontal com os filhos, e com isso, acabam ultrapassando um grau de intimidade e respeito, o que acaba dificultando a introdução dos limites e da lei.

O presente trabalho tem a finalidade de articular com a teoria psicanalítica, a necessidade do sujeito, diante do uso abusivo da droga, afim de aplicar intervenções possíveis para as situações que envolvem a desautorização parental na contemporaneidade, na tentativa de compreender quais são os reflexos subjetivos singular e social provocados por uma relação horizontal entre pais e filhos, que observamos ter como resultado a falta de autoridade destes. Neste sentido, o objetivo principal da pesquisa, foi de compreender o declínio da função paterna na contemporaneidade e os possíveis impasses e consequências causadas pelo desinvestimento do pai, levando os filhos a buscarem a droga como alívio das

tensões e pressões sociais, através de uma revisão bibliográfica qualitativa, no qual faremos um breve histórico acerca da função do pai e do declínio da Função Paterna numa leitura psicanalítica. Para entendermos os fatores que envolvem e definem a paternidade na psicanálise foi feita uma leitura do texto de Totem e Tabu (Freud, 1913), que aborda a transição entre os homens primitivos, os heróis e a era dos deuses. Conceituaremos função paterna do ponto de vista da psicanálise, na tentativa de compreender como se deu o declínio dessa função, tendo em vista que se trata, sobretudo de um papel simbólico, ou seja, uma função.

1. O PAI E A PATERNIDADE NA PSICANÁLISE

Para entendermos os fatores que envolvem e definem a paternidade voltemos ao texto de Totem e Tabu (Freud, 1913) onde o autor usa a mitologia para tentar explicar seus conceitos, tratando questões do social e da cultura. Nesse texto, o criador da Psicanálise, aborda a transição entre os homens primitivos, os heróis e a era dos deuses. Essa obra fala que a relação do homem com o seu totem era regida por certas regras. O totem, símbolo sagrado, trazia a marca da família ou descendência, como a expressão originária do latim. Estas normas eram advindas da crença de que os homens participantes do clã eram irmãos e, por isso, deveriam se proteger reciprocamente. A veneração deste símbolo sagrado era segundo Freud (1913), construída à imagem e semelhança da relação com o seu próprio pai.

A psicanálise dos seres humanos ensina-nos com insistência que o deus de cada um deles é formado à semelhança do pai, que a relação pessoal com Deus depende da relação do pai em carne e osso e oscila e se modifica de acordo com essa relação e que, no fundo, Deus nada mais é que um pai glorificado. (FREUD, pag. 150, 1913).

Na tentativa de entender a sociedade humana, o totemismo, a exogamia e sua ligação primitiva, Freud identifica como se deu esse tipo de organização, retornando ao conceito de pai da horda primeira ou primitiva. Esse obedecia a um modelo de pai tirânico e queria a exclusividade sobre as mulheres, pois quando os filhos cresciam eram expulsos pelo pai.

Dois irmãos tomados de ódio pelo pai decidem retornar a casa após serem expulsos, matando e devorando o pai. Após a morte do pai, vivenciam um

sentimento de culpa. Com isso o pai torna-se ainda mais forte sendo exaltado como santo. Tomados por esse sentimento de remorso, os irmãos proibem a morte do totem e declaram o pai como uma figura simbólica, sendo essa ação tomada como raiz da organização social. Segundo Freud (1913) o pai surge com mais força: *“o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo... o que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos”* (p.146).

Os filhos tinham sentimentos contraditórios em relação ao pai, o odiavam por não ter acesso sexualmente às mulheres da tribo e o admiravam, pelo lugar que ele ocupava. A partir daí surgem dois tabus que fundamentam o totemismo: o primeiro de não matar o totem, relativo à culpa pelo assassinato do pai e o segundo surgiu para mediar às relações de brigas e conflitos entre os irmãos que disputavam as mulheres da tribo para não cometer incesto.

O totem era um substituto do pai, não apenas pelo arrependimento de matá-lo, mas também por tentar diminuir a culpa pelo que fizeram. Essa união dos irmãos em relação ao assassinato do pai teve uma contribuição para o desenvolvimento da sociedade, que passou a adotar condutas como: a solidariedade e valorização dos laços sanguíneos. Essas condutas fazem com que o pai passe a ter uma representação simbólica, instaurando a ordem e proibição do parricídio. Mesmo com o pai morto a lei já havia sido internalizada, pois a função paterna é uma lei simbólica, pai simbólico que em Totem e Tabu, mesmo morto está presente como lei, barreira. Primeiro o que interditava era a presença do pai, posteriormente foi substituído pela obediência à Lei paterna simbolizada. Tendo como base o ponto de vista desse pai da horda primeva ou primitiva que teve que morrer para o seu reconhecimento simbólico vir à tona, o pai para a psicanálise não é algo vivido apenas no sentido biológico-natural, mas sim algo da ordem do simbólico-construção. Essa função, portanto pode ser ou não exercida pelo pai biologicamente determinado.

Na psicanálise quando se fala de pai, não há referência apenas ao pai de carne e osso que estamos acostumados a reconhecer. Trata-se, sobretudo de um papel simbólico, ou seja, uma função. Não necessariamente quem irá exercer essa função será de fato o pai biológico.

Comumente confundimos função paterna com o pai da realidade, mas a psicanálise nos ensina que o que importa é de que lugar esse pai está sendo falado pela mãe. Em relação a essa autorização da mãe em permitir a entrada do pai na relação, Rassial (1997) afirma:

Assim o laço da mãe com a criança é de início real- a criança é um pedaço destacado do corpo da mãe, depois imaginário é a mãe que vai sustentar a criança a construção do mundo exterior e de seu eu corporal -, enquanto que o laço do pai com a criança, laço que, para existir, deve ser proposto, introduzido e sustentado imaginariamente pela mãe, é um laço de início simbólico, ao ponto que Freud podia afirmar que o pai era sempre adotivo. (RASSIAL, 1997, p.73-74).

Ainda em relação à horda primitiva, os filhos desenvolviam uma inveja pelo pai, pois este era o detentor de todas as mulheres da tribo e desejaram matá-lo para assumir este lugar. Ao incorporar pedaços do corpo do pai, há uma identificação deles com o mesmo.

Freud (1913) afirma em sua obra, que a relação de ambivalência entre pai e filho no complexo de paternidade permanecerá até a fase adulta. Freud acredita que para o pai ser adorado e respeitado como um Deus terá que “morrer” simbolicamente para garantir a lei. Função essa que pode ser assumida por qualquer sujeito que interdite o incesto, desestabilize a díade e esteja no lugar de ser odiado e admirado.

O pai para a psicanálise é aquele que media o desejo da mãe e do filho, é o terceiro que interdita a relação, o que faz surgir à falta, o desejo, e o sujeito. O pai está presente lá onde está à falta da mãe e lá onde está o desejo. Desta maneira, este terceiro, entra na trama amorosa entre mãe e filho.

Quando o menino passa a perceber a diferença dos sexos e a ausência do pênis na menina, começa a imaginar a possibilidade da sua própria castração. Isso dá margem para que se depreenda com a angústia de castração.

Agora, porém, sua aceitação da possibilidade de castração, seu reconhecimento de que as mulheres eram castradas, punha fim às duas maneiras possíveis de obter satisfação do complexo de Édipo, de vez que ambas acarretavam a perda de seu pênis – a masculina como uma punição resultante e a feminina como pré-condição. (FREUD, p.196).

Ainda segundo Freud, quando a presença desse pai é percebida pela criança como aquele que tem o direito de desejar a mãe, a relação entre pai e filho vai se configurando numa rivalidade fálica. Passando o pai a ser percebido como um rival, privador, interditor e frustrador. Privador no desenvolvimento psíquico da criança, porque não permite que o filho seja o único objeto de desejo da mãe. Interdutor, porque coloca para a criança que esta não tem direito á mãe e frustrador, porque lhe impõe a falta.

A presença do pai irá lançar a criança perante a Lei do Pai, pois a criança descobre que a mãe depende do desejo do pai e o desejo dela pela mãe se esbarra com o desejo do pai. Essa operação faz com que o filho perceba que existe a lei de outro desejante, e que nós estamos submetidos a essa lei. A mãe por sua vez também está submetida à lei paterna, porque o pai possui algo que ela não tem.

Por fim, o desejo da criança pela mãe é substituído pela identificação com o pai, com o falo que este possui. A partir deste momento, estrutura-se o superego, a instância psíquica da lei.

É com a triangulação edípica, pela transformação do pai real em pai simbólico, que mãe e filho irão estabelecer uma nova aliança. A renúncia simbólica irá fazer com que esta aproprie-se de seu desejo, vivenciando a alteridade, a capacidade de reconhecer o outro. O sujeito passa a desejar a partir do momento que reconhece o outro e é reconhecido por este.

Assim, a experiência edípica constitui o processo de estruturação psíquica, sendo mediadora do desejo da mãe e está ligada à formação de um sujeito desejante e o modo através do qual este irá direcionar o seu desejo se deparando com a castração.

O pai interdita do incesto e estabelece regras sociais como a reciprocidade. Neste sentido, o pai para Freud é aquele que irá introduzir o infante na cultura. Tem como função mediar o desejo da criança e da mãe, sendo percebido na vivência edípica como interdutor, privador e castrador. Permitindo ao sujeito o acesso ao simbólico e a vivência da alteridade. A presença simbólica da função paterna possibilita emergir um sujeito desejante, ou como afirma Lacan, “O pai está presente mesmo quando não está” (LACAN, 1999).

Freud não fala do conceito de função paterna em si, fala do pai como aquele que representa a figura de poder e terror. E ainda sendo aquele que interdita o desejo incestuoso da criança com a mãe. Posteriormente Lacan irá desdobrar esse conceito, mudando a análise da paternidade, nos fazendo pensar a respeito desse tema em relação ao Complexo de Édipo, quando afirma “Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (LACAN, 1999).

Portanto o conceito de função paterna para Lacan é simbólico. Tendo o pai como função a separação no sentido subjetivo da mãe com o filho, que está a priori numa relação simbiótica com a mãe. Com este corte em que a criança está submetida ao desejo da mãe é que o seu desejo enquanto sujeito virá à tona.

O psicanalista contemporâneo Jean-Pierre Lebrun acredita que o declínio da autoridade paterna justifica o mal-estar atual em nossa civilização. Nos seus estudos, Lebrun (2010) afirma que o declínio inicia-se no século XVIII com a Revolução Francesa e o descrédito da sociedade nas autoridades.

Ainda neste mesmo trabalho, o autor faz um questionamento importante que não chega a responder: o declínio do lugar de exceção no social implicaria um declínio desse mesmo lugar no seio da família?

Lebrun (2004) afirma ainda que a família foi o caldeirão da vida social, pois tinha o importante papel de preparar o sujeito para a sociedade quando o pai ocupava o lugar de autoridade dentro da família. Na atualidade, com novos modelos de família surge um novo cenário para a instituição. A mulher hoje decide quando deve e quer ter filhos e escolhe também o parceiro que se tornará pai de sua prole.

Simbolicamente a mãe é aquela que acolhe, protege e proporciona segurança. Esta precisa de um terceiro para fazer o corte de sua relação com o filho. Algumas vezes, entretanto, e dentro da família monoparental a mesma mãe transmite o interdito.

Quando um terceiro não aparece para manejar a questão do sim e do não, de uma forma justa, o sujeito sente-se totalmente embaraçado. O que cria o pensamento do ponto de vista da psicanálise é o *não*, fazendo com que o homem pense.

De acordo com Lebrun (2008) na sociedade contemporânea há uma fragilidade do lugar do adulto, resultando em filhos com um alto valor narcísico. Para os pais tem sido difícil sustentar seu lugar com a devida autoridade, diante desta nova sociedade contemporânea que dita o imperativo de um gozo a qualquer custo. É como se para os pais fosse fundamental satisfazer a todas as demandas dos filhos, evidenciando uma crise inédita da legitimidade dos pais. Em relação aos pais demonstrarem hoje uma extrema dificuldade em dizerem não aos filhos, o autor aborda:

Com efeito, não há rastros na História de uma geração de pais que não reconheça para si a legitimidade de poder - e até dever- significar interdição aos filhos. Hoje, como sabemos, muitos pais sentem-se até obrigados a estar sempre em condições de atender aos pedidos dos filhos, e o argumento que acaba dando ao clínico para justificar esse comportamento é que, caso contrário, arrisca o filho não gostar mais dele. (LEBRUN, 2008, p. 21).

Lebrun (2008) denomina essa situação como uma crise da legitimidade como tal. E esta crise estendendo-se ao corpo social. Os pais por terem medo de perder o amor dos filhos desistem de educá-los e assim prepará-los para o social, para a convivência. Atualmente os pais por não prepararem seus filhos, entendem que precisam protegê-los a todo o custo dessa mesma sociedade que as famílias constituem e que ao mesmo tempo, rejeitam. Ele nos diz:

Assim, pela primeira vez na História, a solidariedade entre o funcionamento social e o da família fraturou-se: a família, agora, protege os filhos da sociedade! Com o que aparece outra novidade: por não estar mais naturalmente forçada ao trabalho que a leva a renunciar a seu todo-poder infantil e a se separar de seus primeiros outros, a criança vê-se como que convidada a recusar esse trabalho. (LEBRUN, 2008, p. 26).

Dito isto, passaremos a discutir sobre o Complexo de Édipo, conceito cunhado por Freud para contribuir com as reflexões acerca da estruturação psíquica do sujeito que tem como base as relações primordiais com o casal parental.

1.2 Função Paterna: Declínio do Pai

Na psicanálise quando se fala de pai, não é aquele pai de carne e osso que estamos acostumados o senso comum a reconhecer. Trata-se de um papel simbólico, ou seja, uma função. Não necessariamente quem irá exercer essa função será de fato o pai biológico. Até porque este pode estar na relação e não exercer

função. Qualquer pessoa pode exercer essa função como: avô, tia, professor, padrasto. “O pai está presente mesmo quando não está” (Lacan, 1999). O que importa é, de que lugar esse pai está sendo falado pela mãe. O pai é aquele que a mãe diz, independentemente de ser biologicamente ou não, para isto diz Lacan:

“Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e inversamente falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (Lacan, 1999).

O Complexo de Édipo caracteriza-se por sentimentos contraditórios de amor e hostilidade vivenciados pela criança em direção a seus genitores, a criança ama a figura que hostiliza. Destacaremos o Édipo no menino e na menina. O menino deseja ser forte como o pai e identifica-se com ele, mas sente ciúmes por causa da mãe. Já a menina deseja o pai tornando-se hostil com a mãe, porque esta possui o pai e ao mesmo tempo teme perder o amor da mãe. Para a psicanálise este é um período essencial para a estruturação da personalidade e a base da identidade das pessoas.

O Édipo é uma sofrida abertura, em que o sujeito iniciará sua passagem de “um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente”, conclui Nasio (2007).

Por tanto o conceito de função paterna para Lacan é simbólica. Tendo o pai como função a separação no sentido subjetivo da mãe com o filho, que está a priori numa relação simbiótica com a mãe. Com este corte em que a criança está submetida ao desejo da mãe é que o seu desejo enquanto sujeito virá à tona.

O autor contemporâneo Jean-Pierre Lebrun acredita que o declínio da autoridade paterna justifica o mal-estar atual em nossa civilização.

2. Subjetividade: O sujeito do Ser

A intensidade e a velocidade das transformações que ocorrem no mundo parecem cobrar um custo psicológico capaz de produzir efeitos que faz com que o ser humano ultrapasse os limites de sua capacidade individual de enfrentamento da realidade, resultando em frustrações que estão circunscritas aos cenários de

sofrimento psíquico fortemente influenciado pelo mundo externo.

Aqui refiro-me às mudanças que implicam transformações não anunciadas e não percebidas antes que seus efeitos se façam presentes na vida de cada um com o sofrimento psíquico decorrente. Tais mudanças têm pregado um anúncio de uma nova ética como modo de produção e também como uma nova forma de se relacionar e comportar socialmente, cujos efeitos podem agir como determinantes do sofrimento psíquico, significativas nos cenários onde o homem realiza o espetáculo de sua vida.

O ser humano é guiado por uma ética a qual rege o agir nos relacionamentos inter-pessoais, tanto quanto, no relacionamento com os biomas que o cerca. O termo ética parece referir-se as condutas embasadas em princípios, valores normas de ações e ideais, englobando todas as considerações acerca das condutas humanas. Entretanto, não existe apenas uma ética única, um único padrão de moralidade que dê conta de todas as culturas e épocas, comum a todas as formas subjetivas dos seres humanos.

Os padrões vigentes variam tanto no aspecto da conduta como as formas de impor tais exigências sociais e o modo adotada de punição para os não adaptados, assim a ética participa no processo de subjetividade e reflete o processo de subjetivação.

O homem está inserido em um contexto sócio- cultural o qual lhe diz como ele deve comporta-se em uma regulação da subjetividade, ele só existe no sentido sucinto, fora si. Dessa forma o mundo estipula o modo de ser do homem.

Na ética do mundo atual, novos paradigmas sociais foram instituídos possibilitando novas formas de sociabilidades e adoção de valores, modificando as relações objetais, recriando novas modalidades da subjetividade humana.

Conceitos como, “sociedade do espetáculo”, G. Debord, e “cultura do narcisismo” Lasche, no final dos a nos 60 e 70 respectivamente foram introduzidos por esses autores, na tentativa de denominar e caracterizar o novo modo de viver do ser humano, em uma perspectiva de dar conta das novas demandas sociais, delineando o estilo de ser das individualidades contemporâneas. A forma como o sujeito tem se relacionado com este mundo, segundo o conceito de sociedade do espetáculo não poderia ser de outra forma se não através de um ser exibicionista

dentro de uma teatralidade, pois suposto, o indivíduo assume uma personagem, adotando uma máscara em busca de fazer parte de um cenário social.

No bojo de uma sociedade que o sujeito é uma persona e este cultiva o desejo de assumir o papel principal do espetáculo da vida, o outro é apenas um objeto descartável para o enaltecimento do eu narcíseo, nesse caso a imagem é de suma importância para o sujeito, esse se transforma em uma máscara em uma exibição fascinante para a sedução desse outro. Dessa forma o culto excessivo ao belo e estético, corroborando com a exaltação do eu, aumentando o exibicionismo do sujeito.

Engendrando - se aí a cultura do narcisismo, esta prega o culto ao corpo em uma obsessão por magreza, ainda mais, influenciando o sujeito a um alto consumismo. O mundo em sua ética oferece uma série de objetos e serviços de consumo que prometem facilitar a relação com o outro promovendo aceitação social e reconhecimento deste sujeito até então desenquadrado.

Ao se associar atributos subjetivo tais como poder, sensualidade, reconhecimento social a objetos, o consumidor tem a idéia de que ao adquirir esse objeto ele conquistara tais qualidades. No entanto, esse ideal de qualidade não pode ser alcançado, visto que, este ideal é da ordem da fantasia do indivíduo, este por sua vez produz uma sensação de falta que nunca é suprida, pois, uma vez adquirindo tal objeto e não conseguindo conquistar a qualidade, o sujeito continua consumindo, desejando suprir a falta sem nem mesmo dar-se conta de suas próprias necessidades, desconhecendo dessa forma o eu dentro de si. Cabe aqui ressaltar que as atividades que são voltadas para a busca de um padrão de beleza, da satisfação imediata e do consumismo, são da ordem do sintoma e diz respeito a uma nova forma de sofrimento humano na contemporaneidade.

3. Subjetividade social: Sujeito fora de si

Conforme Prado e Martins (2007), somente no final do século XX surge à subjetividade como objeto de estudo da Psicologia. Contudo, para falarmos de subjetividade, precisamos pensar em um contexto histórico, no qual podemos dizer que ela é histórica, social, cultural e política. Esta subjetividade não se refere a uma dimensão interior, não é a síntese singular e individual que cada um vai constituindo

conforme se desenvolve e vivencia as experiências da vida social e cultural no qual simplesmente diz, eu sou assim, essa é a expressão da subjetividade de uma pessoa singular, mas a que queremos discutir é aquela que o sujeito passa a se questionar, porque tenho que ser assim?

Esta subjetividade se produz, não tem centro, consistência, ela muda, implica e procura se adaptar para poder ir além dela, conseqüentemente o indivíduo se diferencia, passa a se distinguir da cultura, embora esta continue a exigir dele. Se essa subjetividade produz um saber político, significa que o sujeito se posiciona, passando a resistir, surgindo assim o mal-estar como sintoma.

Hoje a liberdade sexual é excessiva, o narcisismo em alta, no qual cada um é por si. Estamos vivemos na era do individualismo, porém, solitários, angustiados, desamparados, sem saber aonde ir, perdidos, sem direção e o exemplo disto é esta sociedade do consumo do aqui e agora, do corpo perfeito, do ter e não do ser. Contudo, mesmo com toda esta liberdade, o vazio persiste e com ele o sofrimento. O que pode parecer prazer é gozo, seja através das telas, dos shoppings, dos corpos, dos jogos, da perversão, mas a frustração é sempre acompanhada por uma falta, um peso, uma culpa, uma angústia.

Mesmo com toda liberdade, o sujeito se sente desamparado, pois o legislador absoluto “Deus” foi morto, passando a ser o próprio homem, que perdeu o simbolismo e passou para o real. Um real que faz com que cada um vá de encontro ao seu gozo, no sentido de desejo, de satisfação no real, no qual ele possa criar uma forma subjetiva de alcançar esse gozo mesmo que seja através da violência, sendo esta uma forma de gozo que a subjetividade do sujeito criou para gozar mesmo que seja o gozo do outro nesse mal-estar na contemporaneidade.

Com este sujeito contemporâneo em conflito entre a satisfação pulsional e a repressão social, porém, este com uma subjetividade produtiva, que se modifica e leva o sujeito a reagir diante dos fatos, percebe-se então, que, se há uma mudança, possivelmente haverá um sintoma devido as conseqüências frente a este posicionamento do sujeito, porém, numa ordem agora positiva. (Fernanda Canavês e Regina Herzog, 2006).

Freud, citado por Canavês e Herzog (2006) diz que o sintoma expressava um conflito intransponível, apontando para forças contrárias que não podiam ser

anuladas. Anular os sintomas seria como deixar o sujeito exposto às pulsões e isto o levaria a se distanciar da ordem civilizatória, no qual ele precisa fazer parte. O sintoma se torna positivo, pois força o sujeito a resistir contra um regulador, forçando-o a lutar entre a ordem social e seu desejo inconsciente.

Como podemos ver, para Canavêz e Herzog (2006), o sintoma é positivo e necessário, podendo se apresentar de duas formas, como resistência para fugir do enquadramento e regular com intuito de extinguir a subjetividade do sujeito, ou como aceito pelo mesmo. “O sintoma está a serviço da singularidade, da diferença que quer permanecer como tal, protegendo o sujeito de ser capturado pelas malhas da universalidade”. Canavêz e Herzog, 2006). O sintoma está protegendo o sujeito desse social regulador.

Hoje esse sujeito reagente já está sendo chamado por alguns teóricos como Lebrun (2009), de Neo-sujeitos, pois não se enquadram mais naquela forma de constituição tradicional devido às novas formas de subjetividade, eles estão dentro de um tipo de estrutura que nem são perversos, nem neuróticos clássicos. Se o sujeito mudou, conseqüentemente os sofrimentos psíquicos, os sintomas mudam, pois se constituem de uma forma particular e obviamente tem alterações. Assim sendo, surgem novos modos de sofrimentos e sintomas.

4. Droga: Um sintoma

O mundo em sua ética oferece uma série de objetos e serviços de consumo que prometem facilitar a relação com o outro promovendo aceitação social e reconhecimento deste sujeito até então desenquadrado. Ao se associar atributos subjetivo tais como poder, sensualidade, reconhecimento social a objetos, o consumidor tem a idéia de que ao adquirir esse objeto ele conquistará tais qualidades. No entanto, esse ideal de qualidade não pode ser alcançado, visto que, este ideal é da ordem da fantasia do indivíduo, este por sua vez produz uma sensação de “falta” que nunca é suprida, pois, uma vez adquirindo tal objeto/droga e não conseguindo alcançar uma sensação de prazer absoluto, o sujeito continuará consumindo desejando suprir a falta sem nem mesmo dar-se conta de suas próprias necessidades, desconhecendo dessa forma o eu dentro de si.

A Droga no sentido mais amplo é um fármaco ou qualquer substância química natural ou sintética capaz de modificar um sistema biológico. Porém, droga, como em geral nos referimos, são as substâncias psicoativas, aquelas que atuam no Sistema Nervoso Central (SNC) e que são capazes de desenvolver dependência. Cabe aqui ressaltar, que toda atividade tem como objetivo a busca do prazer, de satisfação, sendo esta da ordem do sintoma, que diz respeito a uma nova forma de sofrimento humano.

Com efeito, no discurso do espetáculo se constrói uma nova concepção de realidade, pois nessa sociedade, não é valorizado o ser, em troca supervaloriza-se o parecer e ter, em sendo assim, o sujeito para de investir no interior e super investe no exterior. Vale dizer, que o indivíduo, com intuito de corresponder a demanda atual, é um sujeito fora de si, nesse caso, não se diz respeito à concepção de alienação mental, se pré-supõem, que estar fora de si agora da conta dos sintomas performáticos do sujeito.

Nada obstante ao acima citado, de acordo com a clínica na pós-modernidade, apercebe-se um aumento de queixas com relação há três transtornos, como a depressão, síndrome do pânico e as toxicomanias. Para isto Freud diz:

Devemos a tais veículos intoxicantes, não só a produção imediata de prazer,mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (Freud, 1930, p.86).

Contudo, é valido lembrar que tanto a psicologia como a psiquiatria há muito se interessa por essas perturbações psíquicas, entretanto, atualmente essas enfermidades refletem no indivíduo que não consegue adequar-se no atual modelo social.

Aqui queremos destacar, o espantoso e crescente interesse pela psicopatologia por essas três perturbações, uma vez que estas não têm apresentado um crescimento significativo, com exceção das toxicomanias, ademais, estas perturbações não têm uma articulação entre as descrições clinicas, ou mesmo a forma fenomenológica de seus sintomas. (Birman 2006).

Talvez, em uma visão evolucionista da psicopatologia, está tem se interessado cada vez mais por subsídios comprobatórios de suas teorias, por assim dizer, ela tem buscado uma fundamentação biológica para explicar as perturbações da alma, nesse contexto à neurociência tem se destacado nesse campo, fornecendo instrumentos teóricos que dão base fisiológica para os distúrbios psiquiátricos. Não obstante, a fundamentação das funções psíquicas em base puramente biológica, possibilita a aproximação desta da medicina somática, favorecendo a adoção do tratamento farmacológico. (Birman 2006).

Posto isso, a psicofarmacologia, tem se constituído como um tratamento supostamente “eficaz” e imediato dos sintomas, deixando em segundo plano a questão epistemológica da doença, tanto quanto, o tratamento psicoterápico, distanciando-se do comprometimento com a “cura” por assim dizer, e sim se preocupando muito mais com a regulação do mal estar.

Segundo Birman (2006), fala que pode-se articular essa nova construção da psicopatologia em seu interesse pelas síndromes e sintomas no sentido somático do termo, não apenas pela busca de facilitar ou propiciar um diagnóstico mais conciso, mais na adoção de uma terapêutica imediatista, afim de, responder a uma demanda social, produzida pela ética da exaltação desmesurada, que em uma sociedade que valoriza o sujeito performático e exibicionista, onde a imagem é de suma importância para o sujeito, estar deprimido representa uma inadequação às exigências sociais contemporâneas.

Para Melman (1992,) nos diz que, no que se refere às toxicomanias, essa também é uma busca de fuga das inabilidades sociais, onde o sujeito recorre às drogas com o intuito de encontrar a possibilidade de fugir da realidade ou um passaporte para um grupo social. Nesse caso, tanto o uso das drogas farmacológicas, como o uso das drogas ditas ilícitas e até mesmo as lícitas no caso do álcool e cigarro, é uma resposta social as necessidades de um indivíduo que precisa parecer fazer parte de uma sociedade que cultiva uma ética do espetáculo social.

Atualmente nos atendimentos clínicos, os clientes em seus discursos expressam um sofrimento psíquico fortemente influenciado pelo mundo externo, sugerindo tensão entre a realidade psíquica e a realidade externa embasada pela

cultura e pelas condições econômico-sociais e políticas do cenário em que esses clientes vivem, trabalham e se comunicam.

O sentimento de desamparo que o homem experimenta diante desse mundo, parece não decorrer apenas de uma má resolução de conflitos infantis, mas de uma falta de habilidade por ele experimentada e não elaborada, frente à realidade externa percebida como opressora.

A sociedade contemporânea pode oferecer ao homem um abrigo, mas não se constitui em uma casa onde ele possa efetivamente habitar em sentido pleno. Deixa de ser o lugar da habitação humana para se tornar o lugar da produção capitalista, gerando uma demanda de acolhimento, subordinadas à uma cultura narcisista e consumista, onde o sujeito vive uma ética que valoriza apenas o externo, e em um reflexo de uma inadequação social produzindo sintomas na ordem do existencialismo, os indivíduos desenvolvem perturbações psíquicas tais como as depressões, síndrome do pânico e toxicomanias, não podemos esquecer aqui a busca de um tratamento imediatista que busca sanar o sintoma esquecendo-se do valor etiológico da doença, dessa forma dando conta também desse mesmo sintoma.

Nesse cenário o drama individual encontra-se com o drama coletivo e a face encoberta dos elementos constitutivos do mal-estar do indivíduo adquire visibilidade através dos sintomas que manifestam o sofrimento psíquico do homem contemporâneo levando-o a buscar cada vez mais um prazer imediato através das drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este trabalho, cientes da necessidade de aprofundar no que diz respeito à função da Lei Paterna. Diante dessas coisas e de tudo que vimos na construção deste trabalho apresenta-se a necessidade de atentarmos para o discurso social com cuidado para não sermos engolidos por ele ao favorecer a fragilidade da paternidade e a importância de um pai como interdito.

Contudo, o indivíduo passa por um processo civilizatório e é marcado pela renúncia e pelo sentimento de insatisfação que os homens experimentam vivendo em sociedade. O resultado disso é o mal-estar na civilização. Este mal-estar é

produzido pelo conflito irreconciliável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização.

A modernidade pelo mal-estar subjetivo, fala do mal-estar no sentido singular do sujeito e não no geral. Neste caso este mal-estar é da ordem do social e suas marcas constituídas no sujeito em sua subjetividade e porque não dizer, em novas modalidades de inscrição subjetivas na atualidade.

O resultado disso é o mal-estar e o adoecimento do sujeito. Este mal-estar é que marca o indivíduo na sua subjetividade, ou seja, ele renuncia aos seus desejos, em prol da sua convivência e aceitação na sociedade. Ao mesmo tempo esse sujeito não abre mão do seu desejo de gozo e o reivindica/busca. A questão é que esta liberdade tem um preço alto, na qual é necessário destruir a ordem repressora em nome da liberdade e da igualdade, como foi feito em Totem e Tabu, o pai foi morto e com ele a morte da Lei, o que significa a morte do Pai primordial. Após algum tempo, os que assassinaram o pai não sabiam o que fazer com essa liberdade no qual desejavam tanto e como consequência deste ato surge o desamparo.

A sociedade atual é marcada pela prevalência do individual e singular em detrimento ao coletivo, a sociedade de consumo e a cultura do descartável, pelo apagamento da diferença, que abala as fronteiras do impossível, e é induzida à crença de poder liberar-se desse impossível, na incessante busca de plena satisfação e gozo dos objetos, sendo este as drogas.

A droga na toxicomania apresenta-se como um sintoma social, efeito de uma mutação cultural no discurso, ela é efeito do imperativo de consumo, esta compreensão contrapõe-se com a idéia da toxicomania enquanto patologia ou desvio da norma vigente.

Contudo, podemos então descrever o toxicômano como representante e produto desse mal-estar que, sob a lógica do discurso capitalista não cessa de tentar negar o estatuto do sujeito do desejo.

Diante do exposto, podemos inferir que a relação do sujeito com a droga é fruto de uma interação mal sucedida do sujeito singular e o sujeito social, que vem de um trajeto desde a infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BIRMAN, Joel Sobre o mal-estar, na modernidade e na brasilidade, in: _____

Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CANAVÊS, Fernanda; HERZOG, Regina. Resistir é preciso: por uma positivação do sintoma. In: FREIRE, Ana Beatriz (org.) **Apostar no sintoma.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio A metapsicologia do cuidado. In: _____ **As diversas faces do cuidar:** novos ensaios de psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta, 2009.

FREUD, Sigmund (1910). Cinco lições de psicanálise In: _____ Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LEBRUN, J-P. O mal-estar na subjetivação. Trad. de Mario Flag, Francisco Settineri, Cristovão Vero. Porto Alegre: CMC, 2010.

LEBRUN, J-P. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

MELMAN, Charles. Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio, Porto Alegre, CMC Editora, 2002.

NASIO, J. D. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PRADO FILHO, Kleber; Martins, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade.** 19(3): 14-19, 2007.

RAUTER, Cristina. Clínica Transdisciplinar. In: MOURÃO, Jane Calhou (org.) **Clínica e política 2:** subjetividade, direitos humanos e invenção de práticas clínicas. Rio de Janeiro: Abaquer: Grupo Tortura Nunca Mais, 2009.

